



UFRPE

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MÍRIAN RAFAELLY MALAFAIA DA SILVA ALVES

**LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ESTRATÉGIAS PARA A
ESCOLHA E O USO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

**RECIFE
2021**

MÍRIAN RAFAELLY MALAFAIA DA SILVA ALVES

**LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ESTRATÉGIAS PARA A
ESCOLHA E O USO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciada em Pedagogia, orientada pelo Prof. Dr. Ewerton Ávila Luna.

RECIFE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A474I

Alves, Mírian Rafaelly Malafaia da Silva

Livro Didático de Língua Portuguesa: estratégias para a escolha e o uso no processo de ensino aprendizagem / Mírian Rafaelly Malafaia da Silva Alves. - 2021.
45 f.

Orientador: Ewerton Avila dos Anjos Luna.
Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Pedagogia, Recife, 2021.

1. Livro Didático. 2. Língua Portuguesa. 3. Material Didático. I. Luna, Ewerton Avila dos Anjos, orient. II.
Título

CDD 370

FOLHA DE APROVAÇÃO

MÍRIAN RAFAELLY MALAFAIA DA SILVA ALVES

LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ESTRATÉGIAS PARA A ESCOLHA E O USO NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM

Data da Defesa: 26/02/2021

Horário: 10:00 horas

Local: Sala _____ - UFRPE

Banca Examinadora:

Prof. Orientador: Dr. Ewerton Ávila Luna (UFRPE)

Prof.ª Examinadora Interna: Dra. Carmi Ferraz Santos (UFRPE)

Prof.ª Examinadora Externa: Dra. Hérica Karina Cavalcanti de Lima (UFRPE)

Resultado: () Aprovada

() Reprovada

Dedico este trabalho a todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa jornada tão árdua e perturbadora, mas que conseguiram me ajudar a não desistir.

Aos meus pais Ednalva e Manoel, a minha irmã Manuelle, ao meu cunhado Everton, a minha sobrinha Sophia, ao meu noivo João Victor e a minha fiel companheira de turma, Kerla. Dedico também a todos os meus onze gatos, que foram e são grande apoio emocional em minha vida.

AGRADECIMENTOS

E finalmente, os refrescos. Sinto que um peso foi retirado de minhas costas, que toda aquela agonia passou e que coisas maiores estão por vir. É somente o início de tudo. Agradeço primeiramente a mim mesma, que lutei para entrar na universidade e lutei mais ainda para sair dela graduada. Foram anos de alegrias, tristezas, surtos e momentos inesquecíveis com pessoas maravilhosas.

Agradeço a minha família que sempre me deu apoio antes mesmo de ingressar na universidade, que me consolaram quando as coisas deram errado e me ajudaram a não desistir. Todos vocês foram parte indispensável para que esse momento pudesse acontecer.

Ao meu noivo João Victor, que está comigo desde o primeiro período dando todo o apoio que precisei. Sem você as coisas teriam sido muito mais difíceis, certamente eu teria pensado mais vezes em desistir. Você e nossos gatinhos foram um suporte emocional inexplicável, me acolheram e acalentaram durante os dias conturbados. Agradeço também a minha sogra Bernadete, por me acolher em sua casa enquanto enfrentava essa jornada.

A Kerla, minha fiel escudeira, minha melhor amiga. Desde o começo juntas em todos os trabalhos, todos os seminários, todos os problemas enfrentados e planos de aluna que tivemos de fazer. Com certeza eu não teria escolhido uma companhia melhor, tudo o que nós vivemos ali me farão imensa falta, anos que não irão voltar.

Também gostaria de expressar minha imensa gratidão ao meu orientador Ewerton Luna, que embarcou nessa trajetória comigo, acompanhou meus surtos com a pesquisa e me ajudou a finalizar, mesmo com todas as dificuldades que foram surgindo. Agradeço também a banca avaliadora que aceitou fazer parte disso mesmo com o curto período de tempo que foi solicitado. Vocês são demais.

Não poderia deixar de agradecer a todo corpo docente e as professoras Fabiana e Aparecida, que estiveram muito presentes durante nossa passagem pelo curso de pedagogia, e principalmente a Gaby, que sempre nos salva quando precisamos de alguma coisa na coordenação. Jamais poderia esquecer de Cris, que

sempre esteve presente todos os dias de manhã com o seu caloroso “bom dia” e um café magnífico.

Agradeço à escola que me acolheu desde o início do curso e a professora que me recebeu em sua sala de aula e concordou em participar dessa pesquisa. Todos os dias que passei com a classe foram imprescindíveis para a minha formação.

Por fim, agradeço também a todos aqueles que um dia duvidaram de mim ou disseram que eu nunca conseguiria chegar onde cheguei, vocês foram de grande motivação para provar que eu posso alcançar tudo o que almejar com dedicação e apoio.

RESUMO

O livro didático é um material extremamente presente nas escolas brasileiras, mas o seu uso requer estratégias criativas do docente para driblar os obstáculos que venham a surgir. Considerando isso, este estudo teve como objetivo analisar a prática pedagógica de uma professora dos anos iniciais do ensino fundamental diante da utilização do livro didático de Língua Portuguesa em uma escola da rede municipal do Recife/PE. Alguns dos passos galgados foram identificar como é o processo de escolha do livro didático pela professora observada, bem como detectar as estratégias de uso desse livro durante a aula e os seus resultados no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Para tanto, neste estudo de caso foi utilizado como método para coleta de dados a entrevista semiestruturada, seguida pelo estudo dos dados guiada pela análise de conteúdo de Bardin (2016) e o levantamento teórico acerca do tema (SUASSUNA, 2000; OLIVEIRA, 2014). A partir dessa investigação pode-se perceber a importância desse material didático para a prática docente, mas que seu uso não deve inibir sua autonomia em sala de aula. Por fim, através de todo o estudo realizado foi possível confirmar a importância da presença do livro didático para as práticas de ensino, mas que também há relevância na autonomia docente tanto durante a escolha do material, quanto no decorrer do seu uso.

PALAVRAS-CHAVE: Livro Didático. Língua Portuguesa. Material Didático.

ABSTRACT

The textbook is an extremely present material in Brazilian schools, but its use requires creative strategies from the teacher to circumvent the obstacles that may arise. Considering this, this study aimed to analyze the pedagogical practice of a teacher from the early years of an elementary school in the face of the use of the Portuguese language textbook in a school in the municipal network of Recife / PE. Some of the steps that were taken were to identify the process of choosing the textbook for the observed teacher, as well as to detect the strategies for using that book during class and its results in the students' teaching-learning process. For this purpose, in this case study the semi-structured interview was used as a method for data collection, followed by the study of the data guided by the content analysis of Bardin (2016) and the theoretical research on the theme (SUASSUNA, 2000; OLIVEIRA, 2014). From this investigation, one can perceive the importance of this didactic material for teaching practice, but its use should not inhibit their autonomy in the classroom. Finally, through the whole study, it was possible to confirm the importance of the presence of the textbook for teaching practices, but that there is also relevance in teaching autonomy both during the choice of material and in the course of its use.

KEYWORDS: Textbook. Portuguese language. Didactic Material.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CELD – Comissões Estaduais de Livros didáticos

CNLD – Comissão Nacional do Livro Didático

COGEAM/MEC – Coordenação Geral de Materiais Didáticos

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FENAME – Fundação Nacional do Material Escolar

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

LD – Livro Didático

LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LM – Língua Materna

LP – Língua Portuguesa

MEC – Ministério da Educação

PLND – Programa Nacional do Livro e do Material Didático

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

RESUMO
ABSTRACT

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. Problema de Pesquisa.....	12
2. Objetivos: geral e específicos	12
CAPÍTULO I: SEM PRESSÃO, SEM DIAMANTES	13
1.1 Perspectiva histórica do Livro Didático	15
1.2 O Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD	17
1.3 O ensino da língua materna.....	19
CAPÍTULO II: OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS	21
2.1 Natureza, meios e instrumentos da pesquisa.....	21
2.2 Universo pesquisado	24
2.3 Sujeitos pesquisados	24
2.4 Metodologia de análise	25
CAPÍTULO III: A DÚVIDA JÁ É A RESPOSTA	26
3.1 A escolha do livro didático na escola.....	26
3.2 As estratégias de utilização do livro didático em sala de aula e os seus resultados em sala de aula	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE A: Roteiro de entrevista	43
APÊNDICE B: Roteiro de observação	44
APÊNDICE C: Questionário	45
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre Esclarecido	46

INTRODUÇÃO

O livro didático (LD) é um dos instrumentos mais importantes para o auxílio da aprendizagem, é através dele que a professora¹ pode se basear ao ministrar suas aulas e incentivar os alunos a praticar a leitura, pesquisa e escrita, necessitando, desta forma, de um olhar mais atencioso às deficiências que podem prejudicar a aprendizagem das crianças. Desse modo, a temática do livro didático faz-se relevante, visto que, por se tratar da língua materna, é interessante que a primeira impressão desta língua na escola seja a mais prazerosa possível, sendo imprescindível que os padrões de qualidade sejam os melhores possíveis.

Oliveira (2014, p. 2) afirma que “[...] mesmo diante das transformações metodológicas implantadas a partir dos avanços tecnológicos, [...] o livro escolar continua a ser o material didático mais utilizado nas salas de aula do Brasil”, ou seja, ter este material em sala de aula traz novas possibilidades às crianças que não dispõem de melhores condições e fácil acesso à informação. Essa realidade, conseqüentemente, nos alerta como futuros profissionais da educação para as grandes desigualdades sociais historicamente presentes no Brasil, desigualdades perceptíveis na educação.

O interesse por esta temática ocorreu através das aulas sobre a Língua Portuguesa (LP) durante o segundo e terceiro períodos do curso de Pedagogia na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Ao discutir alguns assuntos com o professor, vieram as indagações a respeito do livro didático utilizado na sala de aula e os obstáculos que surgem durante seu uso.

Avançar pesquisas e estudos acadêmicos acerca desta temática torna-se relevante a partir do momento em que a prática se diferencia da teoria, embora se complementem, vista ao longo do curso de Pedagogia que, apesar de formar eficientemente os profissionais para atuar nas diversas áreas disponíveis nesta profissão, muitas vezes deixa o educador desprevenido para possíveis desafios que podem – e vão – surgir durante sua vida docente.

¹ Aqui utilizaremos o termo professora, no feminino, visando expressar representatividade para essa classe que ainda é predominante na docência: as mulheres. Sabemos que existem homens pedagogos e ativos nas salas de aula, mas consideramos importante dar esse espaço para elas.

A escassez de debates sobre as convicções ligadas ao livro didático durante a vida acadêmica contribui para a perpetuação do não entendimento a sobre suas qualidades e seus defeitos (pois nada é perfeito, por mais que sejam feitas análises e modificações), sendo de responsabilidade do pesquisador coadjuvar no rompimento destas barreiras e, para que isto ocorra, faz-se necessária a reflexão da importância que abrange a realização deste tipo de pesquisa, buscando incentivar a procura pedagógica pelos aspectos que a contornam.

Segundo Silva (2012. p. 817) “as deficiências na formação e precárias condições de trabalho fomentam o uso massivo e pouco crítico do livro didático em sala de aula”. Aqui o autor faz uma crítica às condições em que se encontram a educação e seus educadores, o que traz a sensação de urgência na busca de soluções para estes e muitos outros desafios. Diante disto, esta pesquisa cumpre seu papel social para com a educação brasileira, instigando respostas para tantas indagações.

PROBLEMA DE PESQUISA

Como se dá o uso do livro didático de Língua Portuguesa em sala de aula, diante dos obstáculos encontrados nos processos de sua escolha e de sua utilização?

OBJETIVO GERAL

Analisar a prática pedagógica de uma professora dos anos iniciais do ensino fundamental diante da utilização do livro didático de Língua Portuguesa em uma escola da rede municipal do Recife/PE.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1- Compreender o processo de escolha do livro didático pela professora;
- 2- Identificar as estratégias de utilização do livro didático em sala de aula e os seus resultados.

CAPÍTULO I: SEM PRESSÃO, SEM DIAMANTES

É difícil colocar numa linha o conjunto de elementos que cercam o livro didático, desde sua produção até o uso em sala de aula. Durante a vida acadêmica os graduandos em geral não costumam debater sobre o livro didático e os aspectos que o cercam, deixando apenas uma abordagem superficial, sendo mais explorado quando é necessário confeccionar planos de aula para seguir o currículo escolar.

O material didático de língua portuguesa, em específico, desperta diversas reflexões durante seu uso, visto que “o livro didático ainda é percebido pelo professor como um material para a aprendizagem da língua escrita e raramente como um auxílio na formação de leitores” (NEITZEL; CARVALHO; HENRIQUE, 2015, p.171), deixando de explorar diversos campos que podem enriquecer a prática pedagógica.

O que vem se observando é uma certa dificuldade pela parte dos alunos de se familiarizar com o livro didático de uma forma mais inerente, abandonando a concepção de que este material está disponível apenas para a consulta e realização de atividades, sem algum aprofundamento. Segundo Oliveira (2014, p. 1)

O que se observa no atual sistema de ensino-aprendizagem, é uma grande defasagem, um sistema saturado, onde alunos e professores não mais encontram motivação para ensinar e aprender respectivamente, devido a um método extremamente tradicional onde o livro didático é colocado como o único objeto de estudo e fonte de pesquisa possível, sendo utilizado de forma limitada e antagônica a realidade do alunado.

Apesar de tudo, este problema não está localizado apenas nas práticas redigidas pelos profissionais em sala de aula, a estrutura do livro didático de língua portuguesa também acaba comprometendo este vínculo entre aluno e material. Bittencourt (1985, p. 52) supõe que

[...], se o ensino da língua materna deva estar voltado para o saber do falante, isto é, para o seu desempenho, e tendo aceito com o pressuposto que o que se transfere são habilidades e não conhecimento, nada mais correto do que verificar se as técnicas

indicadas pelos autores, estão orientadas para o desempenho das habilidades da língua.

Tendo em vista esta observação, presume-se que são notáveis as problemáticas que cercam o meio de produção do livro didático, cuja falta de elementos que cativam o alunado e transmitam de forma clara a informação vem dificultando o processo de ensino-aprendizagem, distanciando a imaginação e vivência das crianças do que é visto dentro dos exemplos utilizados em atividades.

Desta forma é preciso estar atento ao assunto abordado, visto que “as questões muito abertas e gerais ou questões totalmente fechadas tem passado a impressão de que este processo de ensino e aprendizagem termina ao fim de cada exercício” (BITTENCOURT, 1985, p. 56), o que não deveria ser verdade.

A aprendizagem é constante, sendo o material didático uma base auxiliadora para a autonomia que a professora supostamente possui dentro da sala de aula. É importante frisar esta questão da autonomia da professora em relação ao livro didático, visto que, segundo Oliveira (2014, p.2), “este material poderá ser visto como única fonte de ajuda ao professor ou, ainda, apresentar-se como substituto do docente, podendo comprometer a aprendizagem do aluno”, nos trazendo a reflexão de que ainda que haja esta conexão entre aluno e livro didático, esta não se sobressaia da prática da docente, que deverá guiar o aluno nesta jornada de conhecimento, apresentando também outros meios que possam complementar os conteúdos encontrados no material.

Nogueira, Silva e Colombo (2017, p. 327) ainda acrescentam em relação ao uso do livro em acompanhamento ao manual do professor que

[...], é justamente por olharmos o livro em seu contexto de produção e de uso em sala de aula – e não apenas olharmos o livro por ele mesmo, sua estrutura, constituição, organização, tópicos avaliados pelo o PNLD (como apresentam as resenhas de aprovação das obras didáticas) – que conseguimos perceber esses desencontros entre o que está indicado no manual e o que de fato encontramos nas atividades do livro do aluno.

Os autores que realizam a produção do livro didático em geral procuram atender às expectativas impostas pelo mercado que compra estas ideias e lança

para a seleção do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (doravante PLND).

Dando sentido à fala das autoras citadas anteriormente, é necessário observar o livro didático tanto na sua construção como em seu uso, para que haja a separação dos elementos que contribuem e os que dificultam a aprendizagem do aluno e a atuação da professora em relação às exigências do currículo e conteúdos programados, possibilitando que estas pontuações sejam trabalhadas e exploradas no âmbito acadêmico da graduação em pedagogia, a fim de que haja debates e disciplinas voltadas a estas problemáticas.

1.1. PERSPECTIVA HISTÓRICA DO LIVRO DIDÁTICO

Ao procurar compreender o livro didático na atualidade é necessário que adentremos em seu campo histórico, a fim de compreendermos suas raízes e características que o compõem até hoje. Os primeiros resquícios de alfabetização apareceram na antiga Europa, por volta do século XV e XVI com o Renascimento.

Nesta época a Igreja Católica monopolizava o uso da escrita, o restringindo a quem fazia parte da elite e membros do clero. Com o declínio da Igreja após a reforma protestante que ia contra esta restrição do conhecimento, os membros líderes começaram a repassar a prática de leitura para os fiéis, porém a intenção não era a escolaridade, eles os limitavam a ler e compreender as escrituras bíblicas, os mandamentos e as punições que eram aplicadas aos pecadores.

Desta forma eles poderiam manipular os fiéis e ter controle sob a população para que continuassem em seu posto inferior, enquanto isso a burguesia frequentava escolas onde aprendiam não somente a ler, mas também a liderar, administrar e ascender socialmente.

No Brasil a utilização de livros didáticos inicia-se no período imperial com a criação do Colégio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro em XIX. Como o público-alvo era as classes economicamente elevadas, os livros que circulavam provinham da Europa, particularmente de viés francês. Segundo Silva (2012) ainda não eram

produzidos livros pela imprensa brasileira por causa das más condições oferecidas pela Corte Portuguesa em 1808. Zacheu e Castro (2015, p. 4, grifo da autora) explicam que

Foi durante o governo de Dom Pedro I, em 1827 que uma das primeiras obras didáticas brasileiras foi elaborada por um cidadão de destaque, denominada *Escola brasileira ou instrução útil a todas as classes*, de José da Silva Lisboa, o Visconde de Cairu, destinada aos professores de Primeiras Letras.

Zacheu e Castro (2015) ainda destacam em seu artigo que o Estado estava preocupado com a baixa produção de livros didáticos, tomando a iniciativa de incentivar os intelectuais através de honrarias, prêmios e abertura de concursos.

Foi apenas durante o governo de Getúlio Vargas, por volta de 1930, que houve alterações mais significantes. Apesar deste aparente avanço, em 1937 ocorreu o Golpe de Estado, cuja atuação na educação acarretou na censura e controle político e ideológico no país, para isto foi criado o CNLD (Comissão Nacional do Livro Didático), “que tinha como subordinadas as Comissões estaduais de livros didáticos (CELD), estabelecendo o controle político e ideológico da produção e distribuição de livros didáticos no país pela ditadura Vargas” (SILVA, 2012, p. 808).

Ainda que a finalidade da criação desta comissão fosse apenas controlar os meios de divulgação do conhecimento, acabou que se tornou um grande avanço na organização da distribuição do livro didático no país, visto que até então, “o livro didático era encontrado de forma desorganizada no país, sendo que cada estado estabelecia um critério para o material” (ZACHEU E CASTRO, 2015. p. 7).

Apenas através da redemocratização do país com o fim da ditadura que o sistema educacional veio a sofrer mudanças efetivas, começando em 1961 com a ampliação da rede escolar por conta da inserção das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Com o aumento da demanda de crianças sem condições de pagar pelo material didático foi criada a Fundação Nacional do Material Escolar (FENAME) em 1967, cuja função seria a produção e distribuição de material a preço de custo.

1.2. O PNLD

Somente em 1985 foi criado o Programa Nacional do Livro Didático, que segundo Menezes e Santos (2001) “consiste na distribuição gratuita de livros didáticos para os alunos das escolas públicas de ensino fundamental de todo o país”. Os autores ainda explicam que em 1995 o programa foi aperfeiçoado, permitindo que o professor possa avaliar previamente o conteúdo do material a ser escolhido através da criação do Guia dos Livros Didáticos, que conta com a sinopse de cada publicação do produto. Zacheu e Castro (2015, p. 2) falam que

Apesar de serem escolhidos pelos professores de maneira democrática, muitas vezes não contemplam a realidade social das diversas escolas existentes nesse Brasil continental. Além disso, para muitos alunos, representam a única referência para a introdução à chamada sociedade letrada, afirmando-se como um instrumento educacional complexo e ambíguo.

A crítica que as autoras conduzem ao se referir às escolhas realizadas por alguns docentes retrata a realidade de diversas escolas, cuja única preocupação muitas vezes é apenas reproduzir o conteúdo exigido no currículo escolar, sem ter a intenção de adaptá-lo ou revê-lo para que melhor se encaixe na realidade socioeconômica de seus estudantes.

O processo de escolha feito pelos educadores da rede pública é alvo de diversas pesquisas, dentre elas Luiz Tolentino Neto (2003) faz uma análise sobre a escolha de professores de ciências e nos mostra a diversidade de caminhos utilizados pelos profissionais para realizarem tal escolha.

Mesmo havendo a disponibilidade do Guia do Livro Didático no site do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), muitas instituições desconhecem tal material e acabam por serem abordadas diretamente pelas editoras interessadas em vender seu produto.

Zambon e Terrazzan (2012) salientam em sua pesquisa que as escolas adotam, geralmente, dois métodos para o processo de escolha: as editoras mandam o material para os professores analisarem, podendo esta análise ocorrer dentro da escola durante intervalos de aulas ou os docentes levam os livros para

suas residências por um tempo determinado para que possam comparar e escolher o que mais agradar.

Por fim é feita uma reunião entre os professores para determinar qual editora e exemplares foram os selecionados. Zambon e Terrazzan (2012, p. 6) ainda observam em sua pesquisa que

Muitas editoras preocupam-se em enviar cópias nominais de livros para todos os professores (ao invés de uma única cópia para toda escola), o que é interessante, pois agiliza o processo de análise das obras, permitindo que todos os professores tenham acesso às obras e minimizando dificuldades que poderiam advir da necessidade de vários professores olharem uma única cópia.

Apesar de isto parecer uma vantagem para os docentes, acaba sendo uma estratégia de marketing das empresas em cativar as escolas e seus educadores com este tipo de atenção, fazendo-os pôr em segundo plano as devidas exigências que devem ser cumpridas pelas editoras.

Desta forma retornamos à crítica feita por Zacheu e Castro (2015) sobre a visão do professor acabar se limitando bastante ao comodismo do livro didático atender somente às suas exigências, ignorando os efeitos que isto pode trazer a longo prazo na aprendizagem dos alunos.

Rangel (2006, p. 63) fala que “um parâmetro eficaz para a escolha de um LDP consiste numa avaliação do desempenho de suas funções junto ao aluno. Quanto mais eficazmente ele as cumprir, mais adequado e útil ele será”, ou seja, o processo de escolha deve ser mútuo, contemplando tanto quem ensina quanto quem aprende, visto que o material será destinado a ambos.

A partir destas observações buscamos compreender o ensino da Língua Portuguesa nos anos iniciais, explorando desde o primeiro contato com a língua materna até sua compreensão como forma de comunicação escrita e oral durante o período escolar.

1.3. O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Ao balbuciar as primeiras palavras um bebê inicia o processo de captação e reprodução da sua língua materna, conseguindo repetir coisas que os pais dizem, mesmo que não as compreendam ou consigam imitar perfeitamente. É a partir deste momento em que a Língua Portuguesa se instala na vida de nossos alunos, mas não da mesma forma para todos.

É certo que há diferença entre a aprendizagem de uma família para outra, de um grupo social para outro, e é aí que encontramos as críticas ao analisar estudos que abordam o processo de ensino-aprendizagem da língua materna (LM) no ensino infantil e anos iniciais.

Suassuna pontua algumas vezes a aquisição da LM e destaca que “raras vezes o professor se vê como peça dessa engrenagem, perdendo de vista o papel que tem a desempenhar na modificação da situação em que se insere o ensino de língua materna” (2000, p. 18), nos levando a refletir sobre a visão do docente enquanto alfabetizador, enquanto condutor do aperfeiçoamento desta linguagem.

Ainda que se saiba da existência das variações linguísticas, elas não são tratadas igualmente ao entrarem no currículo escolar. As crianças iniciam o processo em suas famílias e, ao adentrar na escola, são surpreendidas com um mundo muitas vezes completamente diferente, no qual as palavras que utilizavam não fazem mais sentido ali e substituem por novas.

Suassuna (200, p.36) diz que a língua trabalhada na gramática escolar passa a ser um “modelo de língua” que se insere numa perspectiva pedagógica excludente que busca determinar o que é o certo e o errado, mas ainda que isto encontre-se presente nas salas de aula, podemos encontrar profissionais que buscam se inserir na realidade dos alunos e aprender com eles, trazer o vocabulário local para as aulas de Língua Portuguesa e trabalhar os aspectos presentes na fala, na escrita e na leitura a partir disso.

Parisotto e Rinaldi (2016, p.263) salientam que saber ler e escrever com fluência em língua materna é deveras importante para o desenvolvimento do sujeito, independente da cultura que estiver inserido, já que é por meio deste domínio que ele desenvolve autonomia e pode superar barreiras sociais, culturais e econômicas que surgem ao longo da vida.

Há um diálogo entre algumas falas de Suassuna, Parisotto e Rinaldi, no qual em ambas as obras elas criticam a simples reprodução do conteúdo programático, que prioriza o estudo da metalinguagem, fazendo com que os educandos substituam uma determinada forma de se comunicar por outra, considerada polida, correta; deixando de propiciar o uso efetivo da LM.

Adentrando numa discussão no campo do LD, Suassuna articula que “é raro encontrarmos, nos livros didáticos de Português, abordagens de fenômenos vocabulares como a gíria, o neologismo, o estrangeirismo” (2000, p.56), que são aspectos da Língua Portuguesa extremamente presentes na cultura brasileira, independente da classe social, mas que terminam por perder sua essência ao serem apagados ou tratados como meras características de uma linguagem tão vasta quanto a nossa.

CAPÍTULO II: OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS

A presente pesquisa segue a linha de um estudo de caso que, segundo Laille e Dionne (1999, p.155), a denominação refere-se ao estudo de um caso específico, podendo ser uma pessoa, um grupo, comunidade, meio etc. Esta linha está inserida no universo da pesquisa qualitativa que Godoy (1995) descreve como “[...] a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada” (p.58).

No decorrer deste processo os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada e transcritos para que pudesse ser feita à priori uma leitura flutuante, que é caracterizada por Bardin (2016) como uma atividade que "consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (p.126), seguida da categorização e análise dos dados, que ocorreu por meio da análise de conteúdo, guiando-se por Bardin (2016).

2.1 NATUREZA, MEIOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Esta pesquisa nasceu da necessidade de explorar as possibilidades que surgem na sala de aula quando é necessário o uso de material didático, em específico o livro de Língua Portuguesa. Logo quando o projeto estava tomando forma percebeu-se que este iria por um caminho um tanto quanto subjetivo, cuja finalidade real seria a observação do uso pela docente e as estratégias que seriam utilizadas na medida em que os obstáculos fossem surgindo.

Dito isto, também se percebeu que a natureza desta pesquisa já era qualitativa antes mesmo que ela pudesse se materializar. Godoy (1995, p.62) compreende que esta abordagem permite um contato prolongado e direto entre o pesquisador e o objeto pesquisado, no qual o contexto em que esse objeto está inserido pode ser melhor compreendido através da observação, seleção, análise e interpretação dos dados pesquisados, o que é deliberadamente indispensável no andamento deste estudo.

Foi desenvolvido um questionário a fim de verificar se uma das professoras selecionadas possuía as características necessárias para prosseguir com a pesquisa. O questionário foi aplicado com as professoras responsáveis pelo terceiro, quarto e quinto anos, do ensino fundamental, do turno da tarde. Todas responderam às perguntas e, por questões de disponibilidade, a professora do terceiro ano foi a que melhor se encaixou nas exigências.

Laville e Dionne (1999, p.186) descreve o questionário aberto como “questões cuja fórmula e ordem são uniformizadas, mas para as quais não se oferecem mais opções de respostas”, sendo este instrumento o mais adequado para a situação descrita acima, visto que seria necessário saber da disponibilidade e perfil de cada docente de forma a deixá-las livres para expressar suas concepções a respeito dos elementos da pesquisa.

Foram observadas as aulas de Língua Portuguesa, cerca de duas vezes por semana durante o turno da tarde por um período de três meses. Durante as observações a pesquisadora permaneceu discretamente na sala, a fim de não interferir no desenvolvimento das aulas. No início as crianças estranharam um pouco, mas no decorrer das visitas foram se adaptando. O livro utilizado pela escola foi o “Encontros” para o 3º ano, da editora FTD, escrito por Isabella Carpaneda.

Durante as aulas foram observados os tipos de atividades que eram ministradas pela professora, os materiais utilizados e quais os conteúdos que as crianças estavam aprendendo naquela unidade. Com as observações foi possível perceber através de ações e comentários da professora como era o trabalho do LD com aquela turma, como era o uso e o modo como ele era recebido pelas crianças.

Para a coleta de informações foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com a professora do terceiro ano, assim como levantamento de dados através de conversas informais. O uso da entrevista semi-estruturada traz diversos benefícios para nosso estudo, visto que segundo Laville e Dionne (1999, p.189)

sua flexibilidade possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores[...]

Através dela é que o pesquisador pode se aprofundar no objeto de pesquisa, estimulando-o a ir além do que já pode ser notado durante as observações. Se feito da maneira certa, trará resultados satisfatórios para a análise.

A entrevista teve como ponto de partida um roteiro construído com base nos objetivos da pesquisa, de forma a captar detalhes que possam ter escapado durante as conversas informais. Ao desenvolvê-lo tentamos trazer as experiências da professora diante do processo de escolha do LD e o uso em sala de aula, pontuando eventuais características que ele poderia ter ou não.

Toda a trajetória foi registrada em um diário de campo, nele foram estabelecidos critérios para as observações, no qual se encaixaram como critério a listagem de todas as atividades das aulas de Português, assim como o tempo de duração e o meio por qual eram aplicadas, seja no livro didático, escrito no quadro ou por fichas.

Durante as atividades propostas foi possível acompanhar o entendimento de cada criança acerca das questões suscitadas pela professora, assim como suas dificuldades ou facilidades ao lidar com os textos. Apesar de ter registrado todas as visitas, a maior riqueza de informações veio por conversas informais com a docente, que se mostrava solícita e interessada na pesquisa.

A respeito dos processos que envolvem a escolha do LD, estes não puderam ser presenciados devido à escolha já ter sido feita para o ano em questão. Sendo assim, acrescentamos esse questionamento para a entrevista que viria a ser realizada posteriormente. Laville e Dionne (1999, p.195) costumam afirmar que

Em resumo, o pesquisador pode, para assegurar os progressos do saber, apoiar-se em várias fontes, o vasto leque de todos os tipos de documentos, de uma parte, e as próprias pessoas que vivem as situações, fenômenos ou acontecimentos ou que podem simplesmente testemunhá-los, de outra. [...]. Os modos de coleta das informações são muito diversificados e não têm por limite senão a imaginação fértil dos pesquisadores. [...].

A observação do uso do LD de Língua Portuguesa pela professora focará nas dificuldades registradas, buscando compreender as formas que esta docente

adota para driblar os obstáculos que surgem, assim como a linha de raciocínio que costuma seguir para detectar as dificuldades apresentadas pelos alunos e adaptar o uso, tornando proveitoso a utilização do livro e prosseguindo com o processo de ensino-aprendizagem da turma.

2.2 UNIVERSO PESQUISADO

Foi contemplada uma escola municipal da cidade do Recife, com uma professora do terceiro ano do ensino fundamental. Esta escola foi escolhida por já ter sido objeto de pesquisa de outras disciplinas, além da afinidade estabelecida com a gestão. Para a escolha da professora buscou-se limitar o campo a uma turma que já tivesse proximidade com a leitura, visto que será necessário observar o uso do livro didático de LP pela professora durante as aulas.

A escola fica localizada numa comunidade próxima a UFRPE e acolhe duas turmas da educação infantil e cinco turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, não possui Educação de Jovens e Adultos (EJA). Apesar de estar numa comunidade carente, dispõe de um ambiente limpo e confortável, munido de um corpo docente extremamente competente e profissionais empenhados em garantir o bom funcionamento do local.

São feitas limpezas, pinturas e reformas regularmente e de acordo com a necessidade. Há espaço para as crianças correrem e brincarem, além de brinquedos destinados às mais novas. A escola conta com um pátio coberto, um pequeno campo de areia onde os alunos jogam bola, sala para professoras, diretoria, sala de limpeza, cozinha e cantina com uma TV disponível no recreio das crianças.

2.3 SUJEITOS PESQUISADOS

Nesta pesquisa participaram a professora e a turma do terceiro ano, que contava com 18 alunos, porém apenas 16 presentes. A professora está nesta escola desde 2013, e se graduou em 2006 no curso de pedagogia, pela UFRPE.

Além dessa turma de terceiro ano, a professora também atua pela manhã em uma escola no município de Paulista, também no ensino fundamental, e numa turma da EJA no município de Recife.

A turma possui mais meninas que meninos, todos com idades semelhantes, entre 9 e 10 anos. Apesar disto, alguns com o nível de aprendizagem abaixo da média. A professora justifica esse desnivelamento devido às regras da Secretaria de Educação, que não permitem a reprovação de alunos antes do terceiro ano do ensino fundamental.

Desta forma, torna-se comum encontrar crianças que não tiveram um bom desenvolvimento durante a alfabetização e, mesmo assim, foram encaminhadas para as próximas séries, na esperança de que os problemas de aprendizagem fossem trabalhados pela próxima professora.

2.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Utilizamos a obra de Bardin (2016) para a análise dos dados obtidos que se mostra a mais adequada, pois trata-se de “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” [...] extremamente diversificados” (p.15). Bardin traz um manual sobre a análise de conteúdo, que surgiu no início do século XIX, nos Estados Unidos. A ampliação deste tipo de análise deu-se a partir da Primeira Guerra Mundial, no qual surgiram estudos das propagandas que difundiram a análise de conteúdo.

Como esta pesquisa trata especificamente da relação da professora com o material didático de LP e o rumo da abordagem qualitativa nos leva a respostas subjetivas, a análise de conteúdo se mostra a mais interessante, visto que “consiste em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação.” (DIONNE, LAVILLE. 1999, p. 214), ou seja, buscar sentido na fala, analisar e comparar opiniões, a fim de encontrar um vínculo ou divergências entre o que é dito e o que é feito.

CAPÍTULO III – A DÚVIDA JÁ É A RESPOSTA

Durante o processo de coleta de informações, foram postas diversas questões acerca da aquisição e o uso do livro didático: quais seriam os critérios durante a escolha? Teria algo específico a ser observado ao escolher? O que descartaria a escolha de determinado livro? Estas e outras dúvidas fundamentaram as perguntas de nossa entrevista.

Cada professora, independente da disciplina, tem em mente concepções que podem tornar um livro bom para uso ou não, mas que nem sempre há garantia destas qualidades nas coleções apresentadas pelas editoras. Ao realizar a escolha, sabe-se que a partir de 2020 o livro será o mesmo por quatro anos, de acordo com as novas normas do PNLD (FNDE, 2019).

Além dos processos que envolvem a escolha, houve também a necessidade de compreender como é feito o uso do LD em sala de aula, se ele atende às expectativas de quem utiliza e, caso não, quais seriam as alternativas encontradas para driblar esses obstáculos.

Surgiram questionamentos durante a análise que até então pareciam pequenos detalhes que não poderiam fazer diferença na prática docente, mas que se revelaram parte de implicações que podem dificultar o uso do material didático em sala de aula.

3.1 A escolha do livro didático na escola:

Segundo o MEC (Ministério da Educação) (2018), a análise de livros didáticos é feita por professores universitários juntamente com docentes atuantes da Educação Básica, separadas por área do conhecimento. Cabe à Coordenação Geral de Materiais Didáticos (COGEAM/MEC) organizar grupos de professores pesquisadores e atuantes na educação básica para que avaliem as obras. Esse papel, em momentos anteriores, cabia às universidades. O MEC ainda acrescenta que

Cada obra é avaliada por pelo menos dois pareceristas; caso não haja consenso, ela é submetida a um terceiro. Dependendo dos temas tratados e das especialidades envolvidas, o mesmo livro é submetido a outros pareceristas especialistas em outras áreas do conhecimento.

Para que seja feita a escolha pelas professoras, são enviados guias do LD de cada editora para que possam ser analisados e colocar na balança suas diferenças. O MEC (2018) afirma que “é tarefa de professores e equipe pedagógica analisar as resenhas contidas no guia para escolher adequadamente os livros a serem utilizados no triênio”, ou seja, a escolha é democrática e de inteira responsabilidade da escola e seus docentes. É importante lembrar que essa regra mudou, sendo agora a duração estipulada de quatro anos para os mesmos livros, como citado anteriormente.

No que se refere ao processo de escolha do LD na escola, a professora, referindo-se ao livro de Língua Portuguesa atualmente em uso, explicou:

[...] o... a escolha do livro didático foi com uma reunião dos professores. É [...], sempre ocorre isso quando é... reúne todo mundo, e a escolha é de acordo com a votação. Da escola e da rede. Quanto maior o número de livros que você... foi votado, aí você escolhe, e quem escolhe é a rede. (Professora)

A reunião mencionada pela professora está relacionada com o que o MEC (2018) coloca como necessário para que ocorra a escolha do LD, visto que é caracterizada como uma escolha democrática e autônoma. Ainda acrescenta que

O processo de escolha do livro didático envolve duas etapas: a análise das obras aprovadas pelo Ministério da Educação disponíveis no Guia do PNLD e o registro das coleções escolhidas pelo corpo docente de cada escola.

Ainda que seja um fato a participação dos docentes no processo de escolha do LD, nem sempre os critérios adotados por todos os envolvidos trarão o melhor resultado. Muitas vezes as professoras buscam detalhes nos livros que possam ajudar suas turmas e acabam por não priorizar conteúdos ou aspectos que são necessários para o desenvolvimento da criança. Segundo Rangel (2006, p.43)

Toda e qualquer escolha pressupõe alternativas diferentes e, portanto, princípios, e critérios, assim como procedimentos de

análise que permitam avaliar cada alternativa. De tal forma que uma escolha qualificada define-se, exatamente, como a que se justifica por procedimentos adequados e que se baseia em princípios e critérios apropriados para a tarefa.

Ainda pela fala da professora é possível saber que, mesmo havendo uma votação e consenso da escola por qual coleção a ser adotada, o resultado pode ser diferente a depender do número de escolas da rede que tenham escolhido esta mesma coleção ou optado por uma diferente, trazendo um material que foi até então descartado como opção, mas que agora deverá ser feito o uso pelos próximos quatro anos. Oliveira (2014, p.9) afirma que “o livro didático embora recurso didático, exerce um papel de importância e influência na sala de aula, onde o seu uso já tem se tornado tradição”, cuja escolha deve ser feita cuidadosamente, pois esta influenciará diretamente a prática docente, seja esta influência boa ou não.

Permanecendo na reflexão acerca da escolha do LD, surge a dúvida: qual seria, então, o livro didático ideal para o uso em sala de aula? Sabemos que há exigências a serem seguidas, estabelecidas previamente pelo PNLN, mas que cada coleção possui suas particularidades, o que acaba por agradar a uns, mas não a outros. A entrevistada afirma, então, que

Seria um sem muitos textos, com mais exercícios e atividades é... relativos à alfabetização e à gramática do que propriamente um livro que tenha muitos textos. Tem muitos que ainda não dominam, aí dificulta a leitura e a aprendizagem deles. (Professora)

Se analisarmos que a turma observada, juntamente com a professora, é uma turma de terceiro ano dos anos iniciais, podemos considerar que é uma etapa cujo processo de alfabetização já deveria estar bem encaminhado. Ao afirmar que muitos alunos ainda não dominam a leitura e apresentam dificuldades de aprendizagem quanto a isto, é provável que durante o caminho dos anos anteriores houve alguma falha, podendo, inclusive, estar relacionada a fatores externos.

Mesmo se considerarmos as dificuldades enfrentadas anteriormente, não seriam os textos e atividades, juntamente com as orientações docentes, a chave para enfrentar esses problemas de aprendizagem e dificuldades com a

leitura/escrita? Fornecer um LD com menor índice de textos talvez pudesse resultar num déficit com relação à sua qualidade, algo que não é desejável, visto que a prioridade deve ser sempre o bom desenvolvimento dos alunos com o material proposto.

Segundo Arana e Klebis (2015, p.26677)

O papel da escola, mais do que formar leitores, é de formar leitores que contextualizem o objeto lido com a sua carga de conhecimento, leitores que raciocinam e que mantenham uma relação crítica e opinativa com o que está sendo lido, que buscam entender o conteúdo transmitido com o objeto de leitura.

Ciente de que a responsabilidade de formar o leitor é também da escola, faz-se necessário haver os recursos que forem precisos para que essa conexão seja estabelecida entre a criança e o mundo da leitura. O livro didático de LP desempenha um papel importante nesse processo juntamente com a professora. Arana e Klebis (2015, p.26677) ainda salientam que

Além de alfabetizar, ensinando o aluno a formar sílabas, palavras e frases, o educador enfrenta o desafio de fazê-lo entender o significado do enunciado ali utilizado, estimulá-lo a formar opiniões sobre o conteúdo lido, além de, e o mais importante, fazê-lo raciocinar.

Quando questionada se havia pressão por parte da comunidade escolar para ser feito o uso do LD, ela responde que não há nenhuma imposição. Sabendo que o uso integral do livro didático fica à critério da professora, não sendo necessariamente obrigatório desfrutar de todos seus textos ou atividades propostas, a quantidade de textos aparenta não ser exatamente um obstáculo, mas talvez outras formas de utilizá-los poderia driblar essa dificuldade enfrentada pela docente, assim como temáticas mais cotidianas e interessantes para o atual cotidiano infantil, que vem mergulhando cada vez mais em questões tecnológicas.

A respeito disso Arana e Klebis (2015, p.26682) dissertam que o uso da tecnologia para auxiliar na leitura permite que o aluno aprenda mais rápido, tornando o hábito mais prazeroso e tornando a dinâmica mais receptiva durante o processo de aprendizagem.

Ainda durante a entrevista, a professora afirma que a escola recebeu exemplares das editoras para avaliarem o material. Ao ser questionada sobre o perfil dos LD disponibilizados, ela afirma

Eu acredito que todos eram praticamente iguais. E outra, com até uma linguagem de... do Sudeste, e não propriamente de tudo o que a gente vive aqui no Nordeste, a linguagem era diferenciada. (Professora)

Aqui percebemos certo incômodo vindo da docente acerca da regionalização de alguns materiais didáticos disponibilizados. Isso pode se tornar problemático a partir do momento em que o material selecionado não corresponde à fala local, talvez apresentando dificuldades para seu público-alvo: professora e alunos. Afinal, o LD deve ser feito para corresponder às expectativas de seus utilizadores, não havendo sentido em produzir algo que não será possível tirar proveito.

3.2 As estratégias de utilização do livro didático em sala de aula e os seus resultados em sala de aula

Ao serem feitas as observações de campo, aos poucos foi-se percebendo que, por muitas vezes, o livro didático era deixado de lado, priorizando o uso de materiais externos, trazidos pela professora. Buscando compreender essa decisão, fomos atrás de, antes de mais nada, saber mais a respeito do LD em uso vigente. A docente afirma ao ser questionada sobre o que sente falta nesse material

Então, justamente. Essa parte mais voltada para a alfabetização, entendeu? O aluno. Textos mais curtos, poesias. [...] É, gêneros textuais. Mas assim, textos mais curtos e que desse para eles produzirem outros textos a partir desses. (Professora)

Quando perguntada sobre a recepção dos alunos em relação aos materiais externos e ao LD, ela afirma que eles lidam melhor com os externos. Pensando nisto, vemos que, ainda que todo o material seja meticulosamente selecionado pelo PNLD, às vezes ele acaba por não atender às especificidades da turma, pois há diversas salas de aulas com diferentes níveis de aprendizagem, cujo desnível demanda um olhar mais atencioso por parte da professora, que prefere separar os materiais para cada nível e observar a evolução dos alunos no seu tempo, do que exigir que haja essa nivelção por meio de um único material.

Souza (2013, p.19) aponta que “a internet pode ser utilizada como uma ferramenta de ensino que proporcione aos alunos, novas descobertas, rompendo com velhos paradigmas da educação e propiciando práticas pedagógicas inovadoras”, o que nos permite refletir acerca da importância do desenvolvimento tecnológico para a educação e como o livro didático poderia acompanhar essa evolução, atuando junto com os recursos além dos fornecidos pela rede.

A coleção em vigência foi a escolhida pela escola, porém ainda não é o objeto idealizado para a prática da nossa entrevistada. Ao ser questionada a respeito da possibilidade de fazer um uso diferente caso fosse outra coleção, ela afirma: “[...] se fosse um outro livro que tivesse mais atividades do que mais textos, eu acho que utilizaria bem mais” (Professora).

De fato, ao observar o livro didático utilizado pela escola é possível perceber uma grande quantidade de textos introduzidos nos capítulos, sejam estes para apresentar o conteúdo ou para a realização de atividades. Apesar de concordar que muitos deles são extensos, é também necessário refletir acerca da real necessidade do uso desses textos e no que implicaria a sua diminuição. Neitzel, Carvalho e Henrique (2015, p.180) ressaltam que

O emprego de fragmentos de textos em livros didáticos leva o leitor a uma leitura, na maioria das vezes, frustrante, pois toda a lógica desenhada pelo autor do texto perde-se, sua proposta estética não se concretiza e a criança passa a perceber o texto literário como um material inacabado, cuja experiência de leitura não atinge seu fim.

Segundo a Plataforma Pró-livro (2019), nosso país possui um déficit de leitores assíduos, revelando que o gosto pela leitura não tem sido valorizado durante o início da vida escolar. Cerca de 52% dos brasileiros tem hábitos de leitura, um resultado de 4% a menos se comparado à última pesquisa, realizada em 2015. Grossi (2008, p.3, *apud* ARANA e KLEBIS, 2015, p.26670) destacam que

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles abrir a

cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade.

Sabendo disso, o papel do livro didático de LP e de outros recursos não deveria ser incentivar esse hábito da leitura através de obras e assuntos que realmente interessem seu público (os estudantes)? Ao reduzir, não estaremos solucionando o problema, mas sim fechando os olhos para algo muito maior cujas consequências serão enfrentadas futuramente.

Neitzel, Carvalho e Henrique (2015, p.180) afirmam, a respeito dos textos literários utilizados no livro didático, que

sua exploração linguística deveria ser evitada, cabendo essa função aos textos informativos, pois a formação de leitores não depende apenas da garantia da decodificação de letras, palavras e frases, mas da relação que o sujeito estabelece com o texto.

A fala das autoras revela um sentimento de inconformidade com relação à exploração de textos literários em livros didáticos, pois em sua visão essa carga de atividades colocadas em cima deles acaba por diminuir a fruição, já que a criança começará a associar a leitura diretamente com exercícios, e não como uma forma de prazer. Essa visão se assemelha com a de nossa entrevistada, que por sua vez critica a quantidade existente de textos nos livros didáticos.

Com relação ao planejamento em sala de aula, houve o questionamento acerca da prioridade de material a ser utilizado. Quando indagada a respeito dessa preferência, a professora relata: “[...] eu vou ter que primeiro pesquisar o que eu tô querendo naquele momento no livro didático, se ele contempla aquilo que eu quero [...]” (Professora).

Em complemento, a docente afirma que a busca é unânime, pois procura utilizar do que já tem disponível e, o que não tiver, encontrar por outros meios. Apesar disto, é notável a preferência por outras formas de elaborar as atividades. Quando interrogada sobre quais seriam estes meios, ela reitera

No caso, internet, pesquisa. Eu recorro mais a isso mesmo. Porque nem tudo o livro didático vai contemplar de acordo com... com o

conteúdo que é pra ser dado no terceiro ano, entendesse?
(Professora)

A entrevistada ainda acrescenta que os alunos costumam reagir melhor aos materiais externos do que ao LD, o que justifica sua preferência por recorrer a eles antes de consultar o livro disponível. Souza (2013, p.44) afirma que

a formação continuada permite ao professor se capacitar e refletir sobre a sua prática, levando-o a compreender que a qualidade de um ensino que se utiliza das tecnologias depende muito mais de como ele é explorado didaticamente do que pela mera utilização de recursos tecnológicos.

A fala da autora complementa a visão que temos de uma pedagogia inovadora: a busca docente pela atualização, por formas melhores e mais eficazes de lecionar, adentrando na realidade do aluno e aprendendo com eles que há como associar as práticas tradicionais com o auxílio da evolução tecnológica, sem afetar a relação da turma com o livro didático. Ao ser questionada a respeito do uso do LD em suas aulas, a professora declara

Eu acho que eu uso regular. Eu não uso muito, mas também eu não deixo de usar. Sempre tô passando atividade pra casa com ele, de acordo com o assunto que eu tô dando. Aí eu faço isso.
(Professora)

Durante as observações realizadas em sala de aula, foi possível ponderar sobre as práticas utilizadas e quais seriam seus efeitos na aprendizagem das crianças.

Ao comparar as atividades que constavam no material didático e as que eram escolhidas por fora, realmente havia certa diferença, porém não o suficiente para considerar a não utilização do LD. Por exemplo, os textos contidos nas atividades de fichas impressas podiam ser menores, porém não possuíam características tão diferentes quando comparados aos utilizados no livro didático, que certas vezes apresenta situações fantasiosas ou descontextualizadas. Arana e Keblis (2015, p.26671) afirmam que

A leitura proporciona a descoberta de um mundo novo e fascinante. Para tanto, a apresentação da leitura para as crianças deve ser feita de uma maneira diferenciada e atrativa, para que assim elas possam ter uma visão prazerosa a respeito do ato de ler, de modo

que seja um prazer e um hábito que ela acrescentará em sua vida sem que seja visto como algo obrigatório e enfadonho.

As autoras trazem uma reflexão extremamente pertinente a respeito da forma que a literatura é apresentada nos livros didáticos, algo que é pontuado diversas vezes por nossa entrevistada. A presença de textos não é composta somente pela sua inserção no material, deve ser pensada também como uma ferramenta de incentivo à leitura e a escolha deve fazer sentido para quem lê, ou seja, o aluno.

Apresentar situações descontextualizadas ou desinteressantes acaba por quebrar um vínculo entre o aluno e aquele momento literário, no qual a fruição será prejudicada e conseqüentemente tornará mais difícil reestabelecer esse elo futuramente.

A prática da professora em questão pode ser considerada adequada para as exigências presentes na turma, visto que a maioria estava caminhando com bom desenvolvimento, porém alguns apresentavam dificuldades com a leitura e escrita que impediam o pleno acompanhamento da classe.

Quando levamos em consideração a pluralidade de saberes e níveis de conhecimento, é pertinente haver uma maior diversidade de fontes e ambientes de aprendizagem. Sendo função da docente instruir e estimular essa busca pelo saber, cabe a ela decidir, também, quais os caminhos serão mais adequados para cada caso.

Ao imaginar uma sala de aula, o livro didático sempre estará presente em sua composição, porém este não deve jamais ser tido como único instrumento norteador da prática docente. É certo que esse material é parte essencial da aprendizagem de nossas escolas, principalmente escolas públicas, que contam com número limitado de recursos, porém seu uso deve ser feito de forma proveitosa não só para quem ensina, mas também para quem aprende.

Freire (2017, p.12) disserta que nossa insistência enquanto docentes de querer que os estudantes “leiam” em pouco tempo determinado número de páginas ou capítulos apenas reflete a nossa incapacidade de compreender a essência do ato de ler, pois este muitas vezes é resumido apenas em decodificar o que está escrito no papel e proferir as palavras compreendidas, porém vai muito além disto.

As atividades presentes no livro didático também são um ponto importante para nossa reflexão, pois estas estão sempre acompanhando os textos que aqui já foram diversas vezes citados. O LD de Língua Portuguesa escolhido pela escola foi analisado, revelando que os exercícios de interpretação que seguiam a leitura dos trechos literários muitas vezes solicitavam informações extremamente óbvias, que não requeriam muito esforço mental dos alunos.

Quando resolvemos propor uma análise de um texto, o que devemos buscar? Não é somente uma análise rasa e desinteressante que se pode retirar do tema proposto, isso acarreta exercícios maçantes e sem propósito. Claro que, para iniciar a interpretação e análise, podem ser feitos exercícios a esta maneira, mas ao tornar isso algo recorrente pode ser desenvolvida certa resistência do aluno ao se deparar novamente com a mesma atividade, apenas com uma temática diferente.

Quando Oliveira (2014, p.7) afirma que “o auxílio que o livro didático oferece ao aluno através de seus conteúdos precisa ser absorvido da forma correta, caso contrário não terá grande influência na vida social do aluno”, ele quer nos mostrar o impacto que certos detalhes, que muitas vezes passam despercebidos, podem causar no processo de ensino-aprendizagem, nos fazendo refletir que nossas atitudes enquanto docentes podem contribuir tanto para esse desfalque, quanto para a inovação desse processo.

Ao observar as atividades apontadas pela professora enquanto utilizava tanto do LD quanto de materiais externos, foi constatado que raras foram as vezes que houve modificação do que era proposto, revelando que, ainda que houvesse críticas acerca da literatura contida no material, os exercícios fornecidos não

despertavam incômodo, muito pelo contrário, ela comentou sobre a necessidade de haver mais atividades que remetessem à gramática e alfabetização.

As estratégias utilizadas pela professora para driblar os obstáculos encontrados durante sua jornada com o livro didático de Língua Portuguesa revelaram uma relação singular entre a docente e o material: é um objeto de uso extremamente necessário na escola, porém sua presença nem sempre é suficiente.

O que podemos absorver disto é que, mesmo sendo indispensável, o LD não deve delimitar a autonomia docente, sendo responsabilidade do educador adaptar o material disponível e se encorajar a ir além do que está proposto, desafiando não só suas habilidades enquanto docente, mas também os limites de seus educandos.

A partir do momento em que são identificadas as lacunas do livro didático e as estratégias que podem valer-se na prática pedagógica, percebemos que o auxílio de recursos externos é necessário não somente quando há obstáculos, mas também quando há o carecimento de diversificação quanto às atividades propostas, como por exemplo, a inserção de situações que possam ter ocorrido recentemente no cotidiano dos alunos ou alguma contribuição advinda de experiências vividas por eles que não estejam inclusas no planejamento, mas que são pertinentes e corroboram a discussão com a turma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da idealização deste trabalho de pesquisa foi constatado que durante a vida docente surgem dúvidas acerca do uso do livro didático e como poderiam ser contornadas certas situações, visto que ao longo da vida acadêmica pouco se fala a respeito dos desafios que serão enfrentados dentro da sala de aula. Ao perceber a importância dessa discussão, buscamos direcionar o olhar para a disciplina de Língua Portuguesa que, por se tratar de nossa língua materna, traz uma carga considerável de responsabilidades que fundamentam a nossa comunicação em sociedade.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo realizar uma análise acerca da prática pedagógica de uma professora dos anos iniciais, buscando observar sua relação com o uso do LD de Língua Portuguesa. Conseguimos realizar as observações das aulas durante o segundo semestre de 2019, totalizando cerca de três meses, contando com duas aulas semanais.

Ao observar as aulas buscamos identificar as estratégias de utilização do LD durante as aulas, assim como os resultados que ele proporcionava. A professora observada demonstrou possuir dificuldades em relação ao uso do livro didático e a preferência por recorrer a materiais externos ao realizar atividades, destinando geralmente o material didático para tarefas de casa. Apesar disto, a análise do livro mostrou que o ele era utilizado regularmente, porém não por completo.

Posteriormente buscamos compreender como se dá o processo de escolha do LD e quais seriam as características necessárias para que o material fosse selecionado pela professora. Durante as entrevistas obtivemos detalhes acerca da trajetória do material didático a ser adotado, desde as reuniões com a gestão, passando pela análise dos livros disponibilizados pelo PNLD, o apontamento da coleção escolhida pela escola e sua chegada às salas de aula.

Durante a análise dos dados obtidos, observou-se que a falta de inovação em algumas abordagens poderia tornar as aulas repetitivas. Isso pôde ser verificado na discussão acerca das atividades contidas tanto no livro didático,

quanto no material externo selecionado pela professora, que muitas vezes se tratava da mesma atividade, porém com temáticas diferentes.

O problema desta pesquisa tomou como base a indagação a respeito do uso do LD em sala de aula, assim como os obstáculos encontrados tanto no processo de escolha, como de utilização. Conseguimos obter respostas para nossos questionamentos, visto que as observações em conjunto com as conversas informais e entrevista trouxeram esclarecimentos para nossas indagações.

Surgiram dificuldades no andamento desta pesquisa, pois devido ao curto período disponível para a coleta de dados não foi possível estender as observações para outras turmas ou escolas, o que acabou por nos limitar a uma única turma. Também teria sido preferível acompanhar o processo de escolha do livro didático juntamente com a escola, mas quando foi dado início às observações de campo a adoção do material já havia sido realizada.

Durante o andamento da análise dos dados obtidos, foram surgindo novas perspectivas que até então não haviam sido consideradas como, por exemplo, a crítica ao número e tamanho dos textos contidos no livro didático de Língua Portuguesa, Isso implicou na reflexão acerca do déficit de leitores que nosso país possui e as possíveis causas desse déficit, podendo ser derivado da falta de estímulo à leitura durante o início da vida escolar ou até mesmo das formas em que o texto literário é utilizado nas atividades, podendo provocar a falta de interesse das crianças pela literatura.

Por fim, ressalta-se que se por um lado o estudo confirmou a importância da presença do livro didático para as práticas de ensino, sendo o material didático um importante suporte para o docente. Por outro, ficou evidente a relevância da autonomia docente para a escolha e, principalmente, para o uso dos livros didáticos. Destaca-se, portanto, a importância da formação docente tanto inicial quanto continuada. Desse modo, teremos professores com concepções sólidas e conscientes de seu papel enquanto aquele que faz uso do livro didático, mas é o autor de sua própria aula.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. (2003) **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial.

ARANA, Alba Regina de Azevedo; KLEBIS, Augusta boa Sorte Oliveira. **A importância do incentivo à leitura para o processo de formação do aluno**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, XII., 2015, Curitiba. p. 26669-26686. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17264_7813.pdf>. Acesso em 08 fev. 2021

BAIRRO, Catiane, Colaço de. **Livro didático: um olhar nas entrelinhas de sua história**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS: HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL, VIII. Campinas, SP, 2009. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_.../Cj5GgE6L.doc >. Acesso em 27 abril 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016, 282 p.

BITTENCOURT, Solange Torres. **Livro didático de português: diagnóstico de uma realidade**. Educ. rev., Curitiba, n. 4, p. 38-65, dez. 1985. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.046>>. acessos em 18 dez. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **A hora da escolha PNLD 2019 - FNDE**. Disponível em: < <http://www.fnde.gov.br/index.php/centrais-de-conteudos/publicacoes/category/78-apoio-a-gestao-do-livro-didatico?download=12456:a-hora-da-escolha-pnld-2019-diretores-de-escolas#:~:text=o%20ciclo%20do%20PNLD%20referente,cheguem%20nas%20escolas%20em%202023.>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Guia PNLD 2020**. Disponível em: < fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-livro-didatico/item/13410-guia-pnld-2020>. Acesso em: 13 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Programas do livro**. Disponível em: < <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/legislacao/item/9787-sobre-os-programas-do-livro>>. Acesso em: 13 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Quem seleciona os livros que entram no Guia do Livro Didático?**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pec-g/132-perguntas-frequentes-911936531/livro-didatico-1799853147/160-quem-seleciona-os-livros-que-entram-no-guia-do-livro-didatico>>. Acesso em: 13 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Quem seleciona os livros que entram no Guia do Livro Didático?**. Disponível em: <

http://portal.mec.gov.br/pnld/index.php?option=com_content&view=article&id=index.php?option=com_content&view=article&id=13658>. Acesso em: 13 set. 2020.

DOS SANTOS, Vanessa dos Anjos; MARTINS, Liziane. **A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DIDÁTICO**. Candombá – Revista Virtual, v. 7, n. 1, p. 20-33, jan – dez 2011. Disponível em < <https://www.academia.edu/download/44865872/3VanessadosAnjosdosSantos2011v7n1.pdf>> Acesso em: 15 dez. 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**: Volume 23. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989
GODOY, Arilda S., 1995. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresa. São Paulo, v. 35, 2: 57-63. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2020.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciencias humanas. Porto Alegre: Editora UFMG, 1999.

LEAL, Telma Ferraz; BRANDAO, Ana Carolina Perrusi; SILVA, Leila Nascimento da. **Tensões sobre o ensino da língua portuguesa**: interfaces entre gênero e análise linguística. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 42, n. 2, p. 427-442, jun. 2016. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201606144985>>. acessos em 06 out. 2019.

LIMA, Hérica Karina Cavalcanti De. **Uso de livros didáticos de português**: um olhar sobre práticas e discursos. Dissertação (Dissertação em Educação) – UFPE. Recife, 2009.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbetes PNLD (Programa Nacional do Livro Didático). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrazil.com.br/pnld-programa-nacional-do-livro-didatico/>>. Acesso em: 28 de abr. 2019.

NEITZEL, Adair de Aguiar; CARVALHO, Carla; HENRIQUE, Fabiana. **O LIVRO DIDÁTICO DE ALFABETIZAÇÃO E A FORMAÇÃO DE LEITORES**. Educ. rev., Belo Horizonte, v. 31, n. 3, p. 169-194, set. 2015. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698129785> >. Acesso em 29 out. 2018.

NETO, Luiz. **O processo de escolha do Livro Didático de Ciências por professores de 1º a 4º séries**. 2003. 101 p. Dissertação (Dissertação em Educação) – USP, São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04112014-134649/publico/LUIZ_CALDEIRA_BRANT_DE_TOLENTINO_NETO.pdf> Acesso em: 8 out. 2020.

NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta; SILVA, Maísa Alves; COLOMBO, Silmara Regina. **O Trabalho do Professor em Propostas do PNLD de Ensino de Língua**

Portuguesa. Educ. Real., Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 313-336, Mar. 2018. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623665370> >. Acesso em 29 out. 2018.

OLIVEIRA, João Paulo Teixeira. **A eficiência e/ou ineficiência do livro didático no processo de ensino-aprendizagem.** São Paulo. 2014. Disponível em < http://www.anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT4/GT4_Comunicacao/JoaoPauloTeixeiradeOliveira_GT4_integral.pdf>. Acesso em 15 dez. 2018.

PARISOTTO, Ana Luzia Videira; RINALDI, Renata Portela. **Ensino de língua materna: dificuldades e necessidades formativas apontadas por professores na Educação Fundamental.** Educ. rev., Curitiba, n. 60, p. 261-276, junho 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602016000200261&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 out. 2019.

PLATAFORMA pró-livro. **Retratos da Leitura no Brasil.** Prolivro.org.br. Disponível em: <<http://plataforma.prolivro.org.br/retratos.php>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, Mercado de Letras, 1996, 95 p.

RANGEL, Egon de Oliveira. **A escolha do livro didático de português: caderno do professor.** Belo Horizonte: Ceale, 2006. 84 p.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ-MESTRE, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola.** Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Adriana Aparecida. O livro didático de língua portuguesa: novas possibilidades de abordagem no ensino da sintaxe. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 46, n. 2, p. 516-528, 2017. Disponível em: < <https://doi.org/10.21165/el.v46i2.1550>> Acesso em 27 abril 2019.

SILVA, Marco Antônio. **A fetichização do livro didático.** Educação e Realidade, v. 37, n. 3, set./dez. de 2012, p. 803-821. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n3/06.pdf>> Acesso em 28 abril 2019.

SOUZA, Maria Gerlanne de. **O uso da internet como ferramenta pedagógica para os professores do ensino fundamental.** 2013. 59 p. Monografia (Licenciatura em Informática) – UEC, Tauá. Disponível em < http://www.uece.br/computacaoead/index.php/downloads/doc_view/2044-tccmariagerlanne?tmpl=component&format=raw> Acesso em 11 fev. 2021.

SUASSUNA, Livia. **Ensino da língua portuguesa: uma abordagem pragmática.** Campinas, SP: Papirus, 2000. 240 p

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZACHEU, Aline Aparecida Pereira; CASTRO, L. L. O. **Dos tempos imperiais ao PNLD: a problemática do livro didático no Brasil**. In: 14ª Jornada do Núcleo de Ensino de Marília, 2015. Disponível em <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/jornadadonucleo/dos-tempos-imperiais-ao-pnld--a-problematICA1.pdf>>. Acesso em 27 abril 2019.

ZAMBON, Luciana Bagolin; TERRAZZAN, Eduardo A. Estudo sobre o processo de escolha de livros didáticos organizado em escolas de educação básica. **SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL**, v. 9, p. 1-12, 2012.

APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

TÍTULO DO PROJETO: LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ESTRATÉGIAS PARA A ESCOLHA E O USO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

ALUNA: MÍRIAN RAFAELLY MALAFAIA

ORIENTADOR: EWERTON ÁVILA LUNA

● ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO

- Como foi o processo de escolha do LD?
 - *Reunião, leitura do guia, etc.*
 - *Ela escolheu ou foi decisão do grupo?*
- Qual seria o LD ideal para a sua prática?
- O que você consideraria como pontos fortes da coleção?
- O que você sente falta no atual LD?

● USO DO LIVRO DIDÁTICO

- Como você classifica o seu uso do LD em sala de aula? (satisfatório, poderia melhorar, utilizar mais ou de melhor forma, etc.)
- O que você busca ao decidir utilizar alguma atividade do LD?
- Você sente que os alunos reagem melhor ao uso do LD ou a materiais externos?
- Caso o livro tivesse sido o que você escolheu, acredita que a utilização teria sido diferente?
- Quando o conteúdo trabalhado encaixa com atividades do livro, você prefere utilizá-lo ou buscar outro material?
 - *Formular aqui uma situação-problema.*
- Já se viu pressionada a utilizar o LD, seja por parte dos pais, da gestão ou prefeitura?
- Quando você escolhe não utilizar o LD, para quais outros métodos você recorre?
- Você costuma pensar no LD ao planejar suas aulas? De que forma?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TÍTULO: LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ESTRATÉGIAS PARA A ESCOLHA E O USO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

ORIENTADOR: EWERTON LUNA ÁVILA

ORIENTANDA: MÍRIAN RAFAELLY MALAFAIA

Roteiro de Observação

- A professora usa o livro sempre?
- Ela segue a sequência do livro?
- Ela faz todas as atividades?
- Faz uso de outros materiais? Quais?
- O livro é suporte de texto?
- Como é a prática da professora com relação ao uso ou não uso do livro?

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO



PROJETO DE TCC:

LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ESTRATÉGIAS PARA A ESCOLHA E O USO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

ALUNA: MÍRIAN RAFAELLY MALAFAIA / 6º PERÍODO / PEDAGOGIA -
JULHO/2019

NOME: **LOCAL:** ESCOLA MUNICIPAL MUNDO ESPERANÇA

ANO DE GRADUAÇÃO: _____ INSTITUIÇÃO: _____

TURMA/TURNO: _____

EM QUE ANO VOCÊ COMEÇOU A LECIONAR NO MUNDO ESPERANÇA?

PRETENDE DEIXAR A ESCOLA NOS PRÓXIMOS ANOS?

VOCÊ FAZ USO DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA (L.P)?

VOCÊ PARTICIPA DA ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO NA ESCOLA? QUAL FOI A ÚLTIMA VEZ?

COMO É FEITO O PROCESSO DE ESCOLHA NESTA ESCOLA?

VOCÊ NOTA ALGUMA DIFICULDADE NO USO DO LIVRO DE L.P? DÊ BREVES EXEMPLOS.

QUAIS DIAS DA SEMANA VOCÊ DÁ AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA?

COSTUMA USAR APENAS O LIVRO OU OUTROS RECURSOS PARA COMPLEMENTAR SEU USO?

VOCÊ PERMITIRA OBSERVAÇÕES SEMANAIS EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA?

ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Cumprimento Sr./Sr. ^a ao tempo em que solicito a sua participação na pesquisa _____ intitulada _____, integrante do Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. A referida pesquisa tem como objetivo principal, _____ e será realizada por _____, estudante do referido curso.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de _____, com utilização de recurso de _____, a ser transcrita na íntegra quando da análise dos dados coletados. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, contudo, será mantido o anonimato dos respondentes participantes da pesquisa. Dessa forma, a participação na pesquisa não incide em riscos de qualquer espécie para os respondentes. A sua aceitação na participação dessa pesquisa contribuirá para o/a licenciando escrever sobre o tema que estuda, a partir da produção do conhecimento científico.

Consentimento pós-informação

Eu, _____, estou ciente das condições da pesquisa, acima referida, da qual livremente participarei, sabendo ainda que não serei remunerado/a por minhas contribuições e que posso afastar-me quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via para cada um/a.

Recife, PE, _____ de _____ de 2020.

Assinatura do/a participante

Assinatura do/a pesquisador/a



Impressão do dedo polegar
caso o/a participante não saiba
assinar.